



ESEF - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE FAFE

Causas e Soluções da troca de Fonemas na Educação Pré-escolar: Revisão Sistemática da Literatura

Daniela Gomes Marques

Mestrado em Educação Pré-escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico

Fafe, Fevereiro 2017



ESEF - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE FAFE

Causas e Soluções da troca de Fonemas na Educação Pré-escolar: Revisão Sistemática da Literatura

Daniela Gomes Marques

**Relatório Final de Investigação I
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Trabalho realizado sob orientação de
Doutora Íris Oliveira**

Fafe, Fevereiro 2017

Índice

Introdução	1
Método	4
Resultados	6
Causas	8
Soluções	10
Discussão	14
Referências.....	16

Índice de Figuras

Figura 1 - Número de artigos encontrados por palavra-chave	4
Figura 2 - Esquema dos artigos pesquisados e selecionados	5

Índice de Quadros

Quadro 1 - Registo dos artigos selecionados	6
---	---

Resumo

Para se perceber o atraso que algumas crianças em idade pré-escolar apresentam no desenvolvimento da linguagem, um dos conceitos fulcrais a ter em conta é a consciência fonológica. Esta requer uma abordagem da fonética e da fonologia. Os conhecimentos fonéticos e fonológicos são centrais para que se apreenda o funcionamento da língua nas diferentes áreas. O presente trabalho tem como objetivo identificar possíveis causas de atrasos no desenvolvimento da linguagem, em concreto na troca de fonemas, bem como alguns métodos pedagógicos que podem ser utilizados para reduzir ou colmatar esse atraso. Este estudo apresenta uma revisão sistemática da literatura, realizada através da base de dados Scielo e considerando artigos publicados sobre a consciência fonológica e a troca de fonemas. Foram selecionados quatro artigos graças a critérios de inclusão e de exclusão. Os artigos revistos identificaram variáveis perinatais como causas da troca de fonemas e demonstraram que crianças alvo de métodos e estratégias diminuía consideravelmente a percentagem de troca de fonemas. Assim, deve valorizar-se a importância de variáveis perinatais no desenvolvimento das crianças e deve colaborar-se com terapeutas da fala, na implementação de métodos para trabalhar a troca de fonemas, centrados na estimulação da oralidade com exercícios diários sob as mesmas estruturas, mas com diferentes conteúdos.

Palavras-chave – Consciência Fonológica, Causas da troca de fonemas, Soluções/exercícios para a troca de fonemas, Educação Pré-escolar

Abstrat

The phonological awareness is a key concept when addressing the delay that some children present in their language development. The phonological awareness requires an approach from phonetics and phonology. Phonetic and phonological skills are crucial to understand the functioning of the language in different areas. The present work intends to identify possible causes of the delay in language development, more specifically the exchange of phonemes as well as to identify some pedagogical methods that can be used to reduce or overcome such a delay. The study presents a systematic review of the literature based on published articles on phonological awareness and the exchange of phonemes accessible at the Scielo database. Relying on inclusion and exclusion criteria, four articles were selected for this review. The reviewed articles identified perinatal variables as causes of the phoneme exchange and demonstrated that children who benefited from methods and strategies considerably reduced the percentage of phoneme exchange. Hence, the importance of perinatal variables in children's development must be acknowledged and one should collaborate with speech therapists in the implementation of methods to work on the exchange of phonemes, focused on daily exercises relying on the same structures, but with different contents.

Key words – Phonological awareness, Causes for exchange of phonemes, solutions/exercises for the Exchange of phonemes, Kindergarden.

Introdução

A consciência fonológica pode ser definida como a capacidade de identificar e manipular unidades orais, analisando e refletindo sobre a estrutura fonológica da oralidade (Freitas, 2014). A consciência fonológica está relacionada com a capacidade de identificar, isolar, manipular, combinar e segmentar a cadeia da fala em unidades menores da língua, considerando partições silábicas e segmentos (Freitas, 2014).

O estudo da consciência fonológica requer a abordagem da fonética e da fonologia. Os conhecimentos fonéticos e fonológicos são fulcrais nos dias de hoje, para que se apreenda o funcionamento da língua nas diferentes áreas. Estes conhecimentos tornam-se ainda mais importantes e significativos em situações diretas/explicitas de ensino da língua materna ou estrangeira. No entanto, fonética e fonologia não são conceitos equivalentes. Enquanto a fonética corresponde aos sons, a fonologia tem que ver com os fonemas. Isto é, “fonologia estuda os sons que têm uma função na língua e permitem aos falantes distinguir os seus significados, e a fonética descreve os aspetos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons que ocorrem na produção linguística fonética articulatória” (Freitas, 2014, p. 17). Embora todos os fonemas se traduzam em sons, nem todos os sons se traduzem em fonemas. Assim, a fonética estabelece um diálogo preferencial com a análise fonológica da língua.

A consciência fonológica divide-se em três tipos: (a) a consciência silábica, em que a criança está capaz de isolar sílabas, (b) a consciência intrassilábica, quando a criança consegue isolar unidades dentro da própria sílaba, e (c) a consciência fonémica, em que a criança isola sons da fala.

A consciência silábica é referida na literatura como um desenvolvimento realizado antes dos constituintes silábicos e dos sons da fala. Assim, uma criança portuguesa tem a capacidade de dividir as palavras em sílabas antes de conhecer esse conceito. Por exemplo, segundo Freitas, Alves, e Costa (2007), “Num contexto em que a mãe arregança as mangas da camisola que a criança está a vestir: MÃE: instintivamente é *mangar*. CRIANÇA: Não, *regaçar*. MÃE: *a//rre//ga//çar*. CRIANÇA: Não, *re//ga//ça//re*.”

Os processos de consciência intrassilábica e fonémica desenvolvem-se mais lentamente do que o processo anterior (Freitas et al., 2007). Na consciência intrassilábica, a criança desenvolve capacidade de manipular os grupos de sons dentro das sílabas. Por exemplo, segundo Freitas et al. (2007) “se a criança substituir o grupo consonântico [pr] por -p-, na

sílaba da palavra prato, para criar uma nova palavra (pato), está a treinar a sua consciência intrassilábica” (p. 25).

Segundo Sim-Sim e Veloso (2002, citado por Freitas et al., 2007), as crianças portuguesas, quando entram na escola, apresentam um fraco ou inexistente desenvolvimento da consciência fonémica. Embora a capacidade das crianças para tratar os sons da fala seja um preditor de sucesso da aprendizagem da leitura, contribui também para o desenvolvimento da consciência fonémica, devendo assim a fonética e a fonologia ser encaradas como independentes.

Para desenvolver a consciência fonológica, deve-se tratar os sons da fala como unidades mínimas identificáveis num enunciado oral. As grandes classes de sons da fala são as vogais, as semivogais e as consoantes.

Segundo Freitas et al. (2007), as vogais (i.e., 14 no Português) e as semivogais (i.e., quatro no Português) são caracterizadas articulatoriamente, como sendo produzidas com saída livre do ar através da cavidade oral. Por outro lado, as consoantes têm uma saída do ar total ou parcialmente obstruída na cavidade oral e são caracterizadas pelo ponto de articulação.

Posto isto, a consciência fonológica deve ser treinada e estimulada. A sistematicidade e a consistência constituem elementos-chave de uma metodologia de estimulação da oralidade e recomenda-se a realização de exercícios diariamente sob as mesmas estruturas, mas com diferentes conteúdos. Estas atividades e exercícios diários promovem a indução, a instalação, a consolidação e, finalmente, a automatização do processamento (meta)fonológico (Freitas et al. 2007).

A fonética é a disciplina responsável pelos sons da fala e pela forma como estes são produzidos e recebidos. A criança aprende a falar durante os primeiros anos de vida, sem existir grande necessidade por parte dos adultos de a treinar para tal, pois a criança, ao ouvir os sons que a rodeia, tenta imitar e apercebe-se que, gradualmente, consegue produzir sons. Assim, pode dizer-se que aprender a falar segue princípios gerais e uma ordem cronológica, assim como o pensamento. Ainda assim, não é pelo facto de a criança falar que entende o que os outros dizem (Mateus, Andrade, Viana, & Villalva, 1990).

Por vezes, a troca de fonemas pode derivar da fase expiratória do ciclo respiratório em que é produzida, sendo nesta fase provocada uma pressão sub-laríngea superior à pressão atmosférica. A válvula móvel, conhecida como céu da boca ou palato duro, fecha e abre a passagem entre a cavidade orofaríngea e as cavidades nasais. Assim, quando o palato se levanta, o ar dos pulmões é distribuído pelas cavidades bucal e nasal, dando origem aos sons nasais. Estes sons são tanto maiores quanto maior for a abertura do velo-faríngea. É necessário

criar uma obstrução do canal bucal e a velocidade adquirida pelas partículas do ar, ao passar na região de constrição, deve atingir um valor crítico. Só deste modo é possível produzir os fonemas aliados aos grafemas –s-, -ç-, -ch- -j- -v- e –f-. Para a produção dos fonemas inerentes aos grafemas –i de ti, -u de t, e -e de te, é necessário um grau de abertura bucal menos significativo do que com as restantes vogais, como -a de está, -e de seda, -o de loba, e -e de móvel. Posto isto, “as características inerentes ao mecanismo da produção dos sons favorecem a ocorrência de determinados fonemas de variações fonéticas” (Mateus et al., 1990, p. 65).

Pretende-se, através deste relatório de investigação, rever sistematicamente artigos de investigação publicados internacionalmente sobre as possíveis causas da troca de fonemas na idade do pré-escolar e sobre atividades pedagógicas que possam ser utilizadas para reduzir ou colmatar esta dificuldade junto de crianças nessa faixa etária.

Método

A pesquisa foi realizada através da base de dados Scielo, uma base de dados científica e que divulga artigos publicados após revisão por pares. Para a realização desta pesquisa foram selecionadas palavras chave (em Português e em Inglês) que são: troca de fonemas, fonologia, consciência fonológica, pré-escolar, atividades pedagógicas, intervenção pedagógica, método pedagógico, causas, soluções, educador de infância.

Obtiveram-se 98 artigos no total, sendo 30 artigos escritos em Português e 68 artigos escritos em Inglês (ver Figura 1). Utilizaram-se sete critérios de inclusão: (a) artigos que abordem causas da troca de fonemas, (b) artigos que abordem soluções/exercícios para trabalhar a troca de fonemas, (c) artigos que abordem a consciência fonológica, (d) artigos escritos em Português, (e) artigos escritos em Inglês, (f) artigos que incluem crianças apenas na educação pré-escolar ou inseridas em amostras com crianças mais velhas, (g) artigos publicados nos últimos 10 anos.

Utilizaram-se quatro critérios de exclusão: (a) artigos com *full-text* escrito noutros idiomas que não o Português e o Inglês, (b) artigos centrados em amostras cujas crianças tinham idades iguais ou superiores a seis anos, (c) artigos publicados antes de 2007, (d) artigos que mencionassem Necessidades Educativas Especiais (e.g., dislexia, síndrome de *Down*).

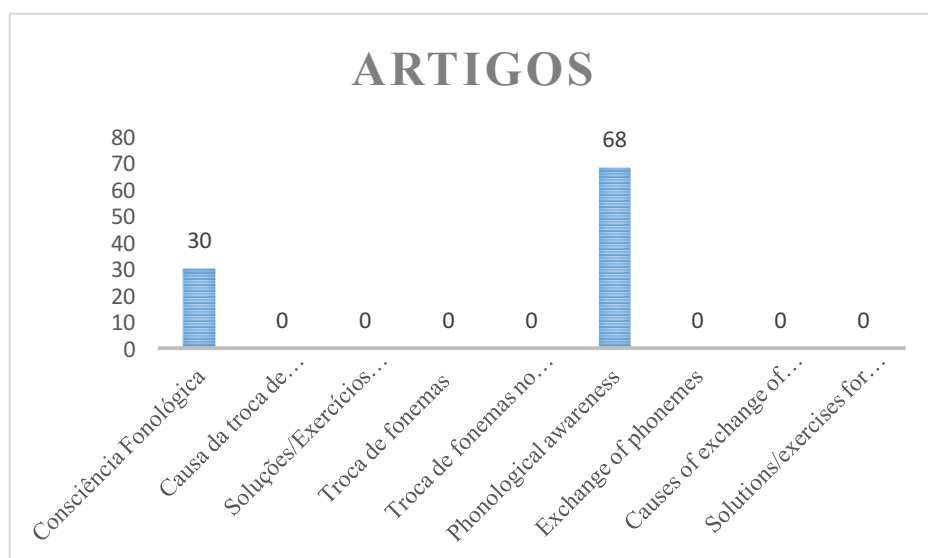


Figura 1

Número de artigos encontrados por palavra-chave

Dos 98 artigos em Português e Inglês encontrados, 26 abordavam temas desarticulados com o estudo. Trinta dos artigos encontrados eram repetidos e 10 faziam referência a crianças sinalizadas com Necessidades Educativas Especiais (NEE), o que não se adequava ao objetivo do estudo. Também foram encontrados 19 artigos em que as crianças das amostras tinham mais de seis anos e nove artigos com publicação anterior a 2007. Assim foram seleccionados quatro artigos para a realização desta revisão sistemática da literatura (ver Figura 2).

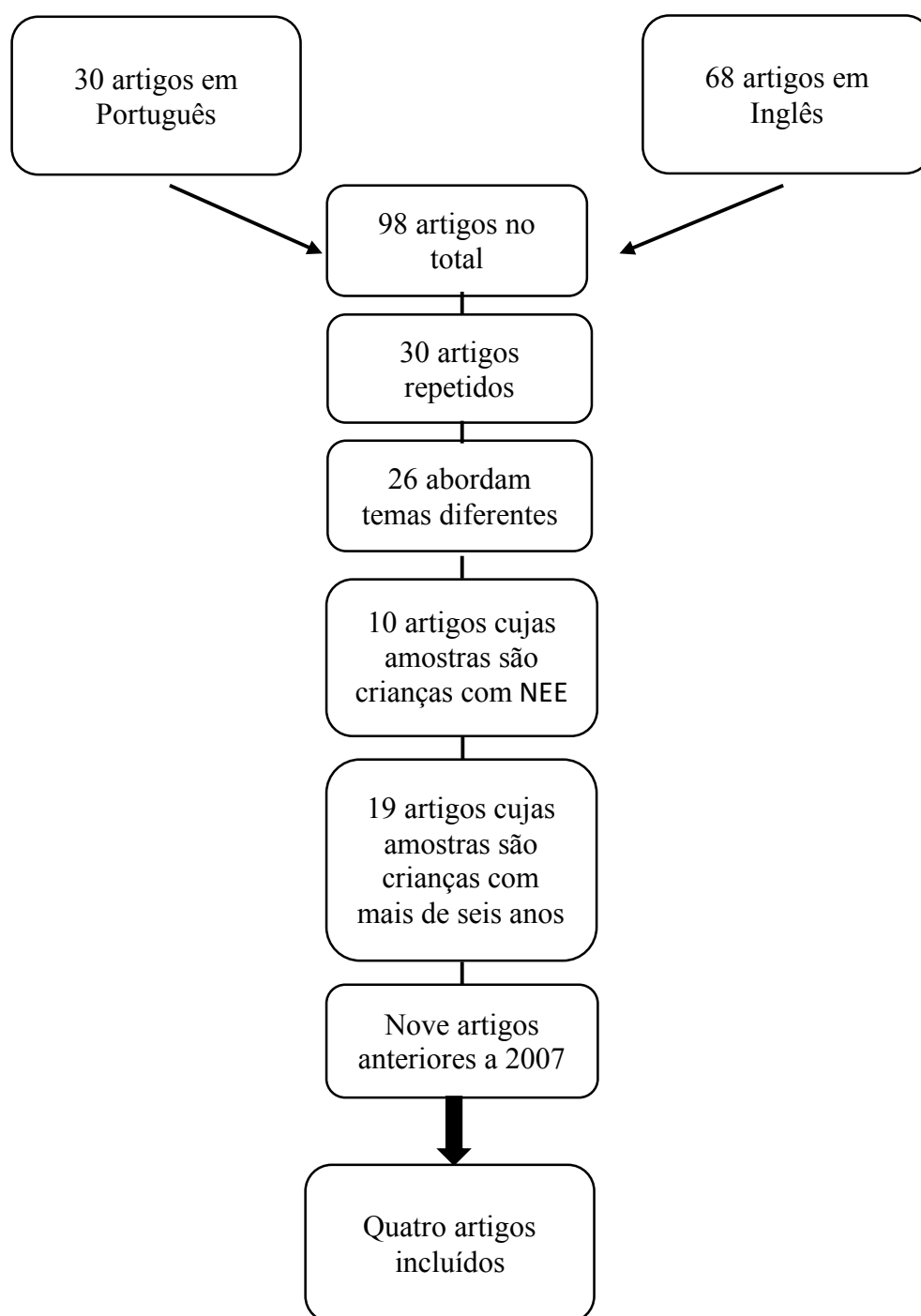


Figura 2.

Esquema dos artigos pesquisados e seleccionados

Resultados

Foram incluídos quatro artigos neste estudo, que satisfizeram todos ou alguns critérios de inclusão, sendo esses artigos de tipo empírico e de *design* longitudinal. Todos os artigos foram publicados em anos distintos e posteriores a 2007, sendo um de 2008 e um e de 2010 de origem brasileira, um de 2012 e um 2014 de origem portuguesa. (Ver Quadro 1)

Quadro 1

Registo dos artigos seleccionados

Autores	Ano	Título	País	Revista	Tipo	Design	Amostra
Soares, Brancalioni, Marini, Pagliarin, & Ceron	2008	Eficácia da terapia para desvios fonológicos com diferentes modelos terapêuticos	Brasil	Pró-Fono Revista de Atualização Científica	Empírico	Longitudinal	66 crianças entre os quatro anos e quatro meses e os oito anos e dois meses
Santos & Maluf	2010	Consciência fonológica e linguagem escrita: efeitos de um programa de intervenção	Brasil	Educar em Revista	Empírico	Longitudinal	90 crianças entre os cinco e os seis anos

Pedro, Oliveira, Lousada, & Couto	2012	Estudo sobre a intervenção em crianças falantes do Português Europeu com atraso fonológico	Portugal	D.E.L.T.A	Empírico	Longitudinal	seis crianças na faixa etária entre os cinco e os seis anos
Nogueira & Freitas	2014	Desenvolvimento fonológico em crianças dos 3 anos e 6 meses aos 4 anos e 6 meses de idade nascidas com muito baixo peso	Portugal	Alfa, São Paulo	Empírico	Longitudinal	30 crianças na faixa etária entre os três anos e quatro meses e os quatro anos e seis meses

Causas

Segundo Nogueira e Freitas (2014) existem diversos estudos sobre o impacto das variáveis perinatais de peso e idade gestacional, que influenciam o desenvolvimento infantil. Esses estudos mencionam as características de crianças que nascem abaixo do peso e as dificuldades que demonstram no desenvolvimento global. No entanto, existe um *deficit* nos estudos em áreas mais específicas como o desenvolvimento linguístico.

São diversos os estudos realizados internacionalmente que assinalam o baixo peso como um fator de risco para atrasos no desenvolvimento da linguagem. Estudos estes, que ainda não tinham sido realizados em Portugal. Deste modo, Nogueira e Freitas (2014) acharam pertinente a realização de um estudo semelhante em Portugal, uma vez que os partos pré-termo têm vindo a aumentar. Torna-se assim, fulcral a implementação de estudos e pesquisas que permitam caracterizar o percurso dos recém-nascidos com baixo peso em Portugal, de modo a que se perceba se as crianças com baixo peso estão em risco de apresentar défices linguísticos.

O estudo avaliou 30 crianças entre os três anos e quatro meses e os quatro anos e seis meses, sendo que 15 dessas crianças pertenciam à classe de crianças nascidas com baixo peso e as restantes 15 pertenciam à classe de crianças que nasceram com peso adequado.

Para o estudo realizado por Nogueira e Freitas (2014), foi construído um instrumento de trabalho com base na relação entre segmentos consonânticos e as variáveis posição na palavra (inicial, média, final), posição da sílaba (ataque, rima, núcleo, coda) e acento da palavra (padrões proparoxítono, paroxítono e oxítono). Neste instrumento de trabalho foram consideradas as consoantes do Português europeu “padrão (oclusivas [p, b, t, d, k, g], nasais [m, n, ñ], fricativas [f, v, s, z, x, j] e líquidas [l, ʎ, r, R]); a sua ocorrência nos estímulos lexicais apresentados foi controlada em função de (ilustração com a lateral /l/)” (Nogueira & Freitas, 2014, p.683).

Os autores utilizaram no instrumento de avaliação um estímulo de 71 imagens no início do estudo e no fim um estímulo de 56 imagens, com objetos de fácil nomeação para as crianças, mas que representassem as estruturas fonológicas em foco.

Foi considerado pelos mesmos autores que a taxa global de sucesso seria por classe do modo de articulação começando com as consoantes oclusivas, em seguida nasais, depois as fricativas e por último as líquidas, isto na produção de ataque simples, constituinte silábico no qual ocorrem todas as consoantes do Português europeu.

Após os resultados recolhidos Nogueira e Freitas (2014), concluíram que: (a) no ataque simples, ambos os grupos revelam a mesma ordem de aquisição, embora o desempenho do

grupo de crianças nascidas com baixo peso fosse inferior ao outro grupo, (b) na posição da palavra e considerando ataque simples e médias, as crianças nascidas com o peso adequado demonstraram resultados bastante superiores ao restante grupo, (c) no acento da palavra no ataque simples e na coda, as crianças nascidas com baixo peso mostraram um desempenho tendencialmente inferior ao outro grupo, (d) na posição da sílaba, tendo em conta a ordem de aquisição de ataque simples, coda e ataque ramificado os valores de sucesso foram consistentemente mais baixos nas crianças nascidas com baixo peso.

Assim, os autores concluíram que, de um modo global, o desempenho verbal das crianças nascidas com baixo peso tende a ser inferior ao desempenho verbal das crianças nascidas com peso adequado, no que diz respeito aos aspetos fonológicos em estudo (Nogueira & Freitas, 2014).

Soluções

Dos artigos selecionados para esta revisão sistemática da literatura, foi possível verificar que três deles mencionavam intervenções, métodos e estratégias que podem ser utilizadas para melhorar o desenvolvimento verbal a nível da consciência fonológica, mais propriamente para reduzir ou colmatar a troca de fonemas.

Maluf e Santos (2010) utilizaram no seu estudo uma intervenção em consciência pedagógica que consistiu em 32 sessões divididas em cinco unidades de atividades com crianças entre os cinco e os seis anos. As unidades de atividades consistiam na utilização de músicas, brincadeiras e jogos, sendo que a unidade 1 consistia na identificação e produção de aliteração e a unidade 2 em atividades de identificação e produção de rimas. Para estas duas unidades, foram utilizadas músicas com aliterações e rimas e jogos de cartões com imagens que tivessem o mesmo som inicial ou final. A unidade 3 consistia em atividades de segmentação de frases em palavras, tendo sido utilizados músicas e jogos em que se ocultavam palavras de uma frase. A unidade 4 incluía atividades de segmentação, omissão e troca de sílabas, sendo utilizados cartões com imagens em que as crianças tinham de mudar o nome das imagens de modo a modificar, omitir ou trocar as sílabas das palavras. A unidade 5 abrangia atividades de identificação, troca e omissão de fonemas, em que foram realizados jogos com cartões de diversas cores e tampas que representava os fonemas a serem omitidos ou trocados.

Após este estudo realizado por Maluf e Santos (2010), as crianças que beneficiaram desta intervenção mostraram avanços estatisticamente significativos e positivos. Assim, as crianças que participaram nesta intervenção tornaram-se mais hábeis em repetir e manipular unidades sonoras da fala. Esta intervenção promoveu um desempenho nas habilidades na extensão fonológica das palavras, conseguindo identificar e produzir rimas e aliterações em segmentos de palavras, sílabas e omissão de consoante inicial (Maluf & Santos, 2010).

O estudo realizado por Pedro, Oliveira, Lousada, e Couto (2012), utilizou a Terapia da Consciência Fonológica (TCF) de Gillon e McNeill e o modelo *Parents and Children Together* (PACT) de Bowen. Esta terapia inclui atividades que promovem o desenvolvimento da consciência fonológica, as quais devem ser utilizadas na intervenção com crianças em idade pré-escolar por terapeutas da fala, em colaboração com educadores/as de infância e encarregados de educação.

O modelo PACT geralmente é realizado por um/a terapeuta da fala e pelos pais, consistindo na interação entre cinco componentes (a) educação familiar, (b) atividades de produção fonética, em que se deve promover a produção correta dos sons das palavras, (c)

tarefas metalinguísticas, onde a criança é ajudada a refletir sobre as características e propriedades dos fonemas e estruturas silábicas, (c) treino de exemplos múltiplos, em que deve ser utilizado no mínimo pares em que se conduz um bombardeamento auditivo, tanto em contexto clínico como em contexto natural, (d) trabalho de casa, sendo este um componente central de intervenção de acordo com este modelo (Bowen & Cupples, 1999 citado por Pedro et al., 2014).

No que diz respeito à TCF, esta inclui: (a) atividades de correspondência grafema-fonema, em que são utilizadas atividades de reconhecimento de sons, (b) identificação fonémica, em que utilizam atividades que requerem à criança identificar o som do início ou do fim da palavra, (c) reconstrução, em que se utilizaram atividades da junção de vários sons de forma a juntar palavras, (d) segmentação, tendo-se realizado atividades de segmentação da palavra ao nível dos constituintes ataque e rima e ao nível do fonema, (e) manipulação fonémica, em que as atividades incluíam omissão, adição e substituição de fonemas para formar novas palavras (Gillon & McNeill, 2007 citado por Pedro et al. 2012).

Neste estudo, Pedro et al. (2012) recorreram a três crianças entre os cinco e os seis anos, separando-as em dois grupos. O primeiro grupo de crianças teve como intervenção o modelo PACT, tendo sido explicado aos seus cuidadores, na primeira sessão, os objetivos do modelo. O segundo grupo de crianças teve como intervenção a TCF. Ao longo do estudo, este grupo teve como atividades o reconhecimento de sons e grafemas, identificação e correspondência de fonemas e reconstrução fonémica.

Após a realização deste estudo, Pedro et al. (2012) concluíram que, no início do estudo, as crianças do grupo 1 (i.e., PACT), no geral, trocavam os fonemas [z], [l], [ʒ], [r], [ʎ], enquanto no fim do estudo apenas trocavam os fonemas [z], [s], [ʒ]. Por outro lado, as crianças do segundo grupo (i.e., TCF) trocavam, na sua maioria, os fonemas [s], [ʒ], [l], [r] e [ʎ], enquanto no fim a maioria apenas trocava [ʒ], [l].

Assim, a percentagem de consoantes corretas melhorou significativa no grupo que foi sujeito à TCF, apresentando um aumento de 10.9 %, superior ao registado no grupo 1 sujeito ao PACT, que apresentou uma evolução mais reduzida, de 2.6 %. A conclusão deste estudo vai ao encontro das conclusões dos estudos realizados por diferentes autores como Mota et al. (2007) e Hesketh et al. (2000).

Segundo o estudo realizado por Soares, Brancalioni, Marini, Pagliarin, e Ceron (2007), existem três distintos modelos que devem ser utilizados com a crianças que apresentam dificuldade no desenvolvimento da linguagem, mais concretamente na troca de consoantes, ou seja, no desvio fonológico. Este estudo avaliou 66 crianças entre os quatro anos e os quatro meses e os oito anos e dois meses, falantes do Português do Brasil.

A gravidade do desvio fonológico foi, neste estudo, classificada de acordo com a percentagem de consoantes corretas (PCC) sendo que: (a) Desvio Médio (DM), PCC de 86 a 100%; (b) Desvio Médio-Moderado (DMM), PCC entre 66 a 85%; (c) Desvio Moderado-Severo (DMS), PCC de 51 a 65%; e (d) Desvio Severo (DS), PCC menor que 50%.

Com o modelo ABAB-Retirada de Provas Múltiplas, foram avaliadas 36 crianças, em que quatro apresentavam DS, sete DMS, 17 DMM e oito DM. Este modelo tem a duração de nove sessões, sendo que neste estudo as crianças foram submetidas a dois ciclos de tratamento, perfazendo assim, um total de 18 sessões. São utilizados no máximo dois sons e existe um período descanso entre uma sessão e outra, não sendo as crianças, durante esse tempo, estimuladas para esses sons. Este estudo teve como objetivo avaliar os progressos efetuados da primeira para a segunda sessão.

No Modelo de Oposições Máximas Modificado foram avaliadas 17 crianças, uma DS, quatro DMS, nove DMM e três DM. Neste modelo foram trabalhadas apenas palavras que diferenciassem um fonema, embora com dois ou mais traços distintos, ou seja, foram trabalhados entre dois a 10 sons. As crianças foram submetidas entre três a cinco ciclos de tratamento, tendo estes ciclos a variação de 15 a 25 sessões. Após cinco sessões de terapia, foi realizada uma avaliação para verificar a percentagem de produções corretas. Se as crianças obtivessem mais de 80% passava-se para a fase de produção espontânea.

Com o Modelo de Ciclos Modificado foram avaliadas 13 crianças, sendo três DMS, nove DMM e uma DM, não existindo crianças com DS. Este modelo é utilizado quando existem muitos processos fonológicos na fala. As crianças foram submetidas entre dois a três ciclos de tratamento, com variações de 15 a 23 sessões, em que cada ciclo tinha a duração de três semanas, sendo que em cada semana era abordado um processo fonológico diferente. No modelo de ciclos modificados, foram trabalhados entre 6 a 18 sons, sendo que em cada sessão se trabalhava um máximo de dois sons. Se a criança tivesse conseguido apresentar 20% de palavras corretas, era necessária a repetição do som, sendo que a criança passaria para o ciclo seguinte se atingisse 50% das produções corretas.

Existe necessidade de salientar que, com exceção do Modelo ABAB-Retirada e Provas Múltiplas, em que a criança era estimulada durante nove sessões, os demais modelos permitem que cada sessão seja repetida mais uma vez, quando não existiu êxito na sessão anterior.

Após as sessões, as crianças foram reavaliadas, de modo a calcular novamente a percentagem de consoantes corretas bem como a percentagem de segmentos adquiridos (SA) e não adquiridos (SNA).

Soares et al. (2007) concluíram que as crianças avaliadas pelos Modelos ABAB-Retirada e Provas Múltiplas e Oposições Máximas, apresentavam um aumento mais expressivo do PCC final no DS em relação aos restantes graus. Sendo que no Modelo de Ciclos Modificado, o aumento no PCC foi maior para as crianças com DMM. Assim, o PCC, em todos os modelos, apresenta um menor impacto nas crianças com DM, pois existia uma menor quantidade de segmentos a ser adquirida. Acontece o contrário com as crianças de DS, pois a diferença de segmentos a ser adquirida no sistema fonológico é maior.

Em relação aos segmentos não adquiridos, observou-se, nos três modelos, que quanto maior for o desvio fonológico das crianças maior seria SNA no sistema fonológico.

Com este estudo, Soares et al. (2007) verificaram que as crianças avaliadas com o Modelo ABAB-Retirada de Provas Múltiplas, e com DS apresentavam maior aquisição de segmentos do que as restantes crianças. Este ponto foi verificado no Modelo de Oposições Máximas Modificado com as crianças no grau DMM. Por outro lado, nas crianças avaliadas pelo Modelo de Ciclos Modificado, essa melhoria manifestou-se nas crianças no grau de DMS.

No que concerne à percentagem de consoantes corretas, verificou-se um aumento em todos os modelos. No entanto, o aumento mais significativo manifestou-se nas crianças com o grau de DS nos Modelos ABAB-Retirada de Provas Múltiplas e Oposições Máximas Modificado.

Este estudo realizado por Pedro et al. (2007) indica que todos os modelos são eficazes no tratamento da troca de consoantes, bem como nos segmentos adquiridos. Este estudo dá conta de que existem ainda outros/as autores/as que já anteriormente realizaram estudos semelhantes, comprovando a sua credibilidade.

Discussão

De acordo com a revisão sistemática da literatura realizada neste trabalho, e após as questões propostas para as quais se pretendia obter uma resposta, no que diz respeito às causas da troca de fonemas, este ponto ficou ainda pouco esclarecido. De facto, apenas foi encontrada uma causa possível, a nível pessoal. Ao longo da pesquisa, não se encontraram causas a nível contextual. Também não se encontraram causas a nível físico, que seriam expectáveis tendo em conta todo o ciclo respiratório, uma vez que as causas da troca de fonemas se podem basear nos fonemas com os sons “nasais” (Mateus et al., 1990).

No que concerne às soluções/exercícios para trabalhar a troca de fonemas, foram encontrados métodos e estratégias que podem ser utilizados pelo/a terapeuta da fala, tendo os/as educadores/as e professores/as como auxiliares. Embora alguns autores referissem atividades que podiam ser utilizadas pelos/as educadores/as de infância, nenhuma atividade parecia colmatar por completo este problema, mas complementava o trabalho desenvolvido pelo/a terapeuta da fala. Sendo que o principal objetivo do estudo seria identificar atividades que pudessem ser utilizadas por educadores/as de infância de modo a reduzir ou colmatar a troca de fonemas, estudos futuros devem ainda clarificar o seu papel neste âmbito.

A este nível, segundo Freitas et al. (2007), para que exista estimulação da oralidade é necessária a realização de exercícios de modo a promover a indução, instalação e consolidação das dificuldades encontradas no processo de desenvolvimento da linguagem. Como referido por Maluf e Santos (2010), devem ser utilizadas atividades lúdicas agradáveis e interessantes, pelos/as educadores/as de infância, de modo a que o processo de aquisição da linguagem seja facilitado. Estas atividades lúdicas englobam atividades de linguagem oral, como trocadilhos, músicas e poesias rimadas e jogos, em que a criança compreenda o carácter segmental da linguagem e a relação entre letra e som. Como reconhecem Freitas et al. (2007), as atividades lúdicas que podem ser trabalhadas pelos/as educadores/as de infância de modo a facilitar a aquisição da linguagem e ajudar a colmatar os diferentes problemas na consciência fonológica das crianças são as rimas, lengalengas, anedotas, adivinhas, bem como jogos de imagens em que se pede às crianças que digam o que está representado na imagem.

Em relação aos métodos e estratégias utilizados pelos autores dos estudos revistos, foi possível perceber que o estudo realizado por Maluf e Santos (2010), focado na intervenção em consciência pedagógica, era semelhante a um dos pontos utilizados no estudo realizado por Pedro et al. (2012), com a terapia de Consciência Fonológica.

De um modo geral, todos os métodos e estratégias apresentados como soluções apresentaram resultados positivos após a sua utilização nas crianças em idade pré-escolar. No entanto, no estudo realizado por Soares et al. (2007) não é perceptível quais as crianças que mais beneficiaram dos métodos utilizados – as crianças em idade pré-escolar ou as crianças mais velhas.

Segundo Lousada et al., (2012, citado por Pedro et al., 2012), as crianças com idades compreendidas entre os cinco anos e cinco meses deveriam ter a capacidade de apresentar de forma correta todos os fonemas do Português, algo que não se verifica. Consequência deste problema está muitas vezes problemas na aprendizagem da leitura e da escrita, pelo facto de as crianças evidenciarem dificuldades de consciência fonológica (Freitas et al., 2007). Assim, parece existir evidência científica que demonstra que o aumento da consciência metalinguística influencia o desenvolvimento fonológico. Assim, o desenvolvimento da consciência fonológica, ao iniciar-se a partir de uma sensibilidade face a unidades maiores de fala (palavras e sílabas), evolui até à apreensão de unidades menores (fonemas), facilitando mais tarde a aprendizagem da leitura e da escrita do Português (Pedro et al. 2012).

Deste modo, conclui-se que seria de extrema importância a elaboração de um estudo sobre atividades que podem ser desenvolvidas pelos/as educadores/as de infância, de modo a colmatar este problema sentido por tantas crianças nas nossas salas de educação pré-escolar. Ainda assim, reconhece-se a pertinência deste trabalho, já que apresentou uma metodologia inovadora – revisão sistemática da literatura – e aprofundou as possíveis causas e soluções referentes à troca de fonemas, problema com que os/as educadores/as de infância se confrontam no seu percurso profissional.

Referências

- Freitas, C. (2014). *Licenciatura em educação básica: Da literatura tradicional de transmissão oral à literatura para crianças*. Cidade, País: Editora.
- Freitas, M., Alves, D., & Costa, T. (2007). *O conhecimento da língua: Desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa, Portugal: Ministério da Educação.
- Maluf, A., & Santos, A. (2010). Consciência fonológica e linguagem escrita: Efeitos de um programa de intervenção. *Educar em Revista*, 38, 57-71. Doi: 10.1590/S0104-40602010000300005
- Mateus, M, Andrade, A. Viana, M. & Villalva, A. (1990) *Fonética, fonologia e morfologia do Português*. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta
- Nogueira, P., & Freitas, M. (2012). Desenvolvimento fonológico em crianças dos 3 anos e 6 meses aos 4 anos e 6 meses de idade nascidas com muito baixo peso. *Alfa*, 58(3), 677-702.
- Pedro, C., Oliveira, T., Lousada, M., & Couto, P. (2014). Estudo sobre a intervenção em crianças falantes do Português Europeu com atraso fonológico. *D.E.L.T.A.*, 30(1), 61-93.
- Reis, C., & Adragão, J. (1992). *Didática do Português*. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta.
- Soares, M., Brancalioni, A., Marini, C., Pagliarin, K., & Ceron, M. (2007). Eficácia da terapia para desvios fonológicos com diferentes modelos terapêuticos. *Revista de Atualização Científica*, 20(3), 153-158.